

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Religiosidades e Gênero no reino da impura sorte

Sônia Missagia Mattos - UFES

Sertão: onde o “homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada”

Guimarães Rosa. Grande Sertão Veredas.

“O garimpo como se sabia ser e ouvia-se contar não existia no pego do real (...) era o reino da impura sorte.”

Guimarães Rosa. Estas Estórias.

Resumo: Essa comunicação resultou de estudos e pesquisas que focalizou um grupo de garimpeiros localizado no município de Padre Paraíso, Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, Brasil. A denominação garimpeiro refere-se aqui a trabalhadores que exercem uma atividade de extração mineral artesanal, por conta própria, sem prospecção. A análise contida nessa comunicação está associada à perspectiva de Gênero trabalhada por Marilyn Strathern, detendo-se, também, em alguns mitos e crenças que norteiam a vida daqueles trabalhadores no desejo de ultrapassar dificuldades para alcançar o sonho que os move: achar um bom veio de pedras que os livre das atuais condições vividas.

Palavras chave: Gênero; Religiosidades; Mitos

Considerações iniciais

Conforme está no resumo, essa comunicação resultou de uma por mim desenvolvida intitulada “Garimpendo a Sorte: Pedras, poder e masculinidades”¹ que focalizou um grupo de garimpeiros localizado no município de Padre Paraíso, Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, Brasil.

A denominação garimpeiro refere-se aqui a trabalhadores que exercem uma atividade de extração mineral artesanal, por conta própria, sem prospecção. A análise contida nessa comunicação está associada à perspectiva de Gênero trabalhada por Marilyn

¹ - Esse artigo tem por base dados de pesquisas realizadas através de dotação do CNPq no ano de 2000, porém os dados que foram aqui privilegiados, conforme constatei em pesquisas recentes, permanecem relevantes no contexto trabalhado.

Strathern, detendo-se, também, em alguns mitos e crenças que norteiam a vida daqueles trabalhadores no desejo de ultrapassar dificuldades para alcançar o sonho que os move: achar um bom veio de pedras para livrá-los das atuais condições vividas.

Em pesquisas realizadas no Vale do Jequitinhonha, no Nordeste de Minas Gerais, anteriores a essa, pude verificar, com relação a gênero, que naquela região, a maioria das pessoas percebia o mundo através da dicotomia masculino-feminino, dois princípios de classificação que são opostos e hierarquizados. De modo geral, verifiquei ainda que esses dois princípios serviam de base à organização do mundo e da vida; e as relações entre os sexos eram imagens dessa organização de ideias. Da mesma forma a divisão do mundo entre masculino e feminino - parte desse mesmo esquema de percepção - encontrava-se perpassada por elementos de poder, tornando as relações homens e mulheres assimétrica e hierárquica. Essa divisão em masculino e feminino, sobreposta à divisão sexual, materializava-se nos corpos das pessoas das pessoas concretas, dividindo os seres humanos em dois conjuntos e constituindo-lhes as identidades.²

Com a intensificação do trabalho de campo e o aprofundamento nos estudos teóricos, passei a interessar-me por observar, também, o trabalho, quase que exclusivamente masculino exercido por garimpeiros artesanais naquela mesma região. Após finalizar a pesquisa com os ceramistas, dediquei-me a estudar gênero buscando compreender como se dava a construção das masculinidades entre aqueles garimpeiros.

Assim, muito embora o mundo do trabalho tenha sido central nos estudos e pesquisas que realizei, a análise contida nesse artigo está mais dirigida a observar um ponto específico de gênero: particularidades na construção das masculinidades de pessoas concretas. Como gênero encontra-se sempre em interseccionalidade com as várias dimensões da vida social privilegio também aqui a religiosidade dos garimpeiros como outra dessas dimensões.

Pretendo iniciar esse artigo fazendo uma referência ao garimpeiro, trabalhador dedicado à extração mineral artesanal mostrando, embora de modo sumário, a diferença de sua atividade para com a do minerador; em seguida procuro relacionar como o mesmo sentido de gênero que é por eles atribuído aos corpos de pessoas concretas também são inscritos em mitos que lhes servem de referência.

² - MATTOS, S. Missagia. Artefatos de Gênero na Arte do Barro. Vitória ES. EDUFES. 2001.

O garimpeiro artesanal – ou o catador de pedras

A denominação catador de pedras, ou garimpeiro refere-se a trabalhadores que exercem uma atividade de extração mineral artesanal, ocasional e por conta própria no município de Padre Paraíso, Vale do Jequitinhonha, região nordeste do Estado de Minas Gerais.

O conceito “garimpeiro” surgiu para marcar uma diferenciação entre as pessoas que trabalhavam no setor da mineração durante o nosso período Colonial. Conforme citação de Mello e Souza, a definição mais antiga de garimpeiro está em “Memórias sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais” de Vieira Couto e quer dizer do “nome com que se apelida neste país aos que mineram furtivamente as terras diamantinas, e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas grimpas das serras.”³ Ou, em uma definição mais recente, início do século XX, garimpeiro é o

“nome que se deu outrora a uma espécie de contrabandistas, cuja indústria consistia em catar furtivamente diamantes nos districtos em que era prohibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço local da mineração. Para exercerem o seu arriscado officio, os garimpeiros penetravam em magotes nos logares mais ricos em diamante e os procuravam. Enquanto uns executavam este serviço, outros postavam-se de sentinella nos pontos altos a fim de avisal-os da aproximação de soldados. Então refugiavam-se nas montanhas mais escarpadas onde não podiam ser alcançados.”⁴ Assim, o conceito garimpeiro passou a delimitar o espaço de atuação e a fazer uma diferenciação entre pessoas que trabalhavam no setor de mineração durante o período Colonial e que não correspondiam às expectativas da Coroa Portuguesa, em termos de condições econômicas de produção.”⁵

³ - VIERIA COUTO. “Memórias sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais” (1881). IN MELO e SOUZA, Laura. Os Desclassificados do Ouro: A Pobreza Mineira do Século XVIII. R. de Janeiro: Graal, 1982. p. 202.

⁴ - Encyclopédia e Dicionário Internacional, s.d., Vol IX, p. 5028. Citado por KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. A Solidão de uma Aventura. História da História do Garimpeiro. (Análise da Representação e da Identidade do Garimpeiro, no Brasil, no Século XX). Tese Defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. 1996.

⁵ - Há uma detalhada “(re) Construção Histórica” do conceito de garimpeiro in KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. A Solidão de uma Aventura. op.cit.

O trabalho do garimpeiro, por ter sido categorizado como ocasional, individual foi também considerado como uma atividade que não requer um saber específico e a organização de grupos de trabalho foi colocado em condição inferior ao trabalho do minerador. Esse último recebeu um *status* superior por ser uma apoiada em cálculos definidos sobre a quantificação de minério e por buscar a otimização da produção segundo normas técnico-científicas.⁶

Por muito tempo os garimpeiros ficaram na ilegalidade e só foram retirados desse lugar com o primeiro Código de Minas (decreto n.º24.642), promulgado em 1934. Esse mesmo Código passa a considerar os bens minerais como propriedade da Nação, tal como o era no período Colonial. Com o decorrer do tempo, o saber científico, aceito e estimulado pelos representantes do Estado, passa a ser o responsável pelo surgimento de técnicas mais avançadas que possibilitam a produção mineral em alta escala. O surgimento da Escola de Minas de Ouro Preto, 1875, começou a formar engenheiros de minas e geólogos que se tornariam mais tarde os responsáveis pela elaboração de políticas e desenvolvimento da exploração mineral. Isso marcou uma outra divisão entre a atividade mineradora e a garimpagem.

Quando em 1967 foi editado o Código de Mineração, através do decreto nº227/67 a primeira definição de garimpeiro foi introduzida sob nova ótica jurídica. O art. 71 do referido Código reza: “Ao trabalhador que extrai substâncias minerais úteis, por processo rudimentar ou individual de mineração, garimpagem, faiscação ou cata, denomina-se genericamente garimpeiro”, sendo que a caracterização da garimpagem é feita no art.72 do mesmo Código. Segundo esse artigo “Caracteriza-se a garimpagem, a faiscação e a cata: I – pela forma rudimentar de mineração; II – pela natureza dos depósitos trabalhados e, III – pelo caráter individual, sempre por conta própria.”

A atividade de extração mineral artesanal exercida por esses trabalhadores, ao não incorporar as novas tecnologias, realiza seu trabalho utilizando-se principalmente do uso da força braçal e de técnicas rudimentares, e pela falta de conhecimento técnico e condições financeiras de extrair o minério a maiores profundidades.

⁶ - Muitas das informações sobre o Garimpo aqui utilizadas, apesar de nem sempre citadas, foram retiradas do trabalho metucioso sendo que há nele uma detalhada “(re) Construção Histórica” do conceito de garimpeiro de Márcia de Melo Martins Kuyumjian, A Solidão de uma Aventura. História da História do Garimpeiro. op. cit. in KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. A Solidão de uma Aventura... op.cit.

Do mesmo modo que as políticas de regulamentação de extração de minério crescentemente tem privilegiado os grupos capitalizados, tem havido um acirramento na condição desfavorável e na marginalização do garimpeiro o que torna essa categoria negativamente considerada e lançada na exclusão social. Hoje a representação que temos do garimpeiro na sociedade é negativa. Considerado como alguém que mata, destrói, polui, e invade, o garimpeiro provoca a ira de muitos setores da sociedade. Na visão do garimpeiro “Quem faz isso é o pessoal que tem dinheiro. Lá na Mata mesmo eles pegam o barranco e ligam a bomba e vão desmanchando o barranco (...) não fica nada da natureza. (...) eles pagam o salário, mas as pessoas não têm direito nas pedras”.⁷

As reduções ao acesso a áreas mais ricas em minério limitam o trabalho do garimpeiro a pequenas jazidas que se esgotam rapidamente. Desse modo, toda forma de exploração mineral que não cabe nas categorizações estabelecidas para ser configurada como uma mineração passa a ser considerada como garimpeira. Há que se destacar que com a supressão da prioridade assegurada ao proprietário do solo, o minerador se tornou independente do dono da terra para o requerimento de pesquisa mineral. Tudo isso formaliza o lugar privilegiado reservado à mineração, tendo mesmo prioridades garantidas por leis sobre as áreas ricas em minérios. É devido a isso que as melhores lavras estão entregues a grandes mineradoras, que recebem a Concessão de Lavras por tempo indeterminado e que não cumprem as exigências dos órgãos ambientais na implementação de práticas de controle e recuperação de impactos ambientais.⁸

Não detentores do saber técnico e científico, e tampouco detentores de capital, os garimpeiros são pessoas que já se encontravam fora do quadro social, mesmo antes de entrar para a garimpagem. Como desqualificados, é muito comum se utilizar o termo “catador de pedras” para designar aquelas pessoas que se dedicam a garimpar a sobrevivência, sendo que estão fortemente associados à figura do aventureiro e estigmatizados como ociosos, despreocupados, idílicos e vagabundos.⁹

É interessante marcar que os estudos sobre a categoria garimpeiro se tornaram mais sistematizados nos anos de 1970. Nesse momento, o Vale do Jequitinhonha foi inserido no processo brasileiro de colonização e desenvolvimento. Com os grandes projetos desenvolvimentistas de então, os problemas do Vale se agravaram. Com relação ao

⁷ - Adilsom. Entrevista. Padre Paraíso – Fevereiro de 2000.

⁸ - MATTOS, S. Missagia. Artefatos de Gênero na Arte do Barro. *op.cit.*

⁹ - KUYUMJIAM, Márcia de Melo Martins. A Solidão de uma Aventura. *op.cit.*.

garimpo, foi nessa ocasião que as empresas de mineração começaram a definir ali, de maneira mais consistente, para não dizer agressiva, políticas de pesquisa, prospecção e beneficiamento. Para garantir a supremacia tecnológica e econômica essas empresas confrontaram com as forças tradicionais de exploração mineral, e tentaram restringir conseguindo até mesmo inibir a atuação do garimpeiro. Em Padre Paraíso o impacto decorrente da atuação dessas empresas se fez sentir de uma maneira muito forte em toda a vida econômica da cidade e o agravamento da pobreza que atingiu as mais diversas áreas do município. As políticas de estímulo à mineração, lá implantadas, atingiram de forma positiva aos interesses e objetivos de indivíduos ou grupos sociais posicionados de forma privilegiada em relação à estrutura política vigente e que podiam exercer uma atividade manipuladora em relação às organizações governamentais. Poucos foram os beneficiados e muitos foram os lançados na exclusão social.

Mitos e Crenças

Vivendo em um contexto tão adverso, esses garimpeiros estavam também cientes de que “o garimpo como se sabia ser e ouvia-se contar não existia no pego do real (...) era o reino da impura sorte.”¹⁰ Mas, como homens do “Sertão: onde o “homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada”¹¹ no desejo de ultrapassar as dificuldades, restava o sonho de achar um bom veio de pedras que os tornasse livres de uma condição da qual não viam saída. Assim, o objetivo maior era o de adquirir uma riqueza suficiente que os permitisse começar uma nova vida. Por isso a esperança de “embamburrar”,¹² ou seja, encontrar uma pedra valiosa que transforme suas vidas, que torne milionário aquele que a encontrou. O embamburramento apesar de esperado é sempre uma surpresa, porque mesmo que o garimpeiro tenha a expectativa de encontrar uma boa pedra, ele sabe que seu trabalho pode ser logrado. Mas o garimpeiro está buscando está para além de apenas uma mercadoria, de um objeto utilitário. O que ele busca é a magia da transformação de uma condição de vida que sonha ultrapassar. Ele está buscando um objeto de desejo, a pedra bruta símbolo da liberdade. Está buscando a gema, produto direto do ventre da terra, preciosa manifestação do insondável.¹³

¹⁰ - ROSA, João Guimarães. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1969.

¹¹ - ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*, 19a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

¹² - Embamburrar é a adaptação regional da palavra bamburrar cujo significado é fortuna inesperada, acaso, sorte. BUARQUE de HOLANDA, Aurélio. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova fronteira, 1995. Verbete: bambúrrio.

¹³ - CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1989. Verbete: *Pedra*.

Vale à pena lembrar a fala do garimpeiro quando emocionado disse: “A lavra é interessante. É um mistério. Parece que tem mesmo um ímã. Às vezes a pessoa tá por fora e não sabe. (...) Mesmo que não tira, o tempo vai passando e você nunca perde a esperança. (...) e cada vez que você vai trabalhando (...) aquela vontade aumenta. Tem hora que você passa perto da pedra e não tira. Outro passa, cava assim do lado ... Então é isso que dá aquela emoção’.

Para manter viva essa esperança, essa emoção, os catadores de pedras constroem um imaginário rico em fábulas e transformam-nas em mitos orientadores de suas ações. Muito embora alguns neguem, a maioria dos garimpeiros que embamburrou diz ter estado em contato com uma entidade extranatural, o “Isoné”. Essa entidade lhes informa onde encontrar a esperada fortuna. Como é afirmado, “em toda terra que tem o Isoné tem pedras”.

Segundo um morador da localidade, “o Isoné é uma espécie de protetor espiritual que os garimpeiros dizem guiá-los e mostrá-los o lugar onde está a pedra.”¹⁴ É falado também que o garimpeiro cria a ideia do Isoné como uma forma indireta de dizer ao povo, que os chama de aventureiros, que eles são trabalhadores e que não alcançaram a riqueza porque o Isoné ainda não apareceu para eles.

O que importa é que perante a uma sociedade eu o exclui, que nem mesmo o identifica como um trabalhador, o garimpeiro articula códigos simbólicos que lhe permite dar significado à vida e até mesmo justificar sua existência, como é o caso dos mitos do Isoné e o da Pedra Mãe que existem lá em Padre Paraíso. Sobre esses mitos existem várias versões.

Referindo-se ao Isoné, os garimpeiros contam que essa entidade pode aparecer a eles através de várias maneiras, mas é muito comum que ela surja em sonhos, ou como labaredas de fogo no ar, na terra ou na água, ou ainda em forma de “músicas de sanfona e violão” , conversas (latomia) vindas do fundo da terra, do local onde a boa fortuna se encontra. Alguns garimpeiros dizem que o Isoné costuma flagelá-los fisicamente. Mas o resultado da aparição é apontado como sendo sempre o mesmo, ou seja, o fim do sofrimento e o enriquecimento como mágica.

¹⁴ - Manoel . Morador de PadreParaíso e Mestre emFilosofia.

O fundamental é que e em todas as versões está presente a ideia de que depois que Istone aparece, a pedra é encontrada. É esta recorrência que importa porque o mito é plástico, é dinâmico – incorpora tudo aquilo ao qual ele tem acesso dentro de uma rede de representação simbólica.¹⁵ E, o sistema mítico-simbólico é muito importante, em especial para os garimpeiros que vivem unidos apenas pelo sonho de alcançar a boa fortuna.

Os garimpeiros estão sempre atentos a esses sinais que guiará suas ações para desvendar o mistério de encontrar o local onde poderão encontrar o tesouro, a pedra que o garimpeiro não escondeu.

“O garimpeiro tem muita fé. Só de ocê entrá naquela catra sem sabê se ocê vai tirá uma pedra ali... É preciso de muita fé. É preciso de muita fé prá achá o que ocê num escondeu. Quando descobre, Virge Nossa Senhora! Tem gente que dá até desmaio. Depois tem que firmá de novo.”¹⁶

Baiana moradora no Brejo, mostrando o seu registro no sindicato dos Garimpeiros, é uma das poucas mulheres que já se dedicou aos trabalhos no garimpo. Ela relatou que trabalhou em lavra desde 1956. Hoje ela atua mais como dona de turma e diz que já tirou muitas pedrinhas, mas que investiu tudo na lavra novamente. Sobre o Istone, ela conta:

“Eu vi uma vez . É um homenzinho que pega a gente e a gente fica naquela insônia, rolando na cama. Aí, em pouco tempo acha a pedra. O Istone é um homenzinho dessa baixurinha com aquele bração grosso. Ele me agarrou e eu fui gritando, fui gritando, fui gritando. É no sonho. Na madorra. Aí eu assustei e fiquei com aquele medo e falei pro pessoal. E eles falaram: ‘Isso foi o Istone!’ Aí no outro dia tiraram uma pedra para mim. “O Istone pega muito os garimpeiro. Quando é perto de tirar pedra ele pega. Ele fica perseguindo, perseguindo, perseguindo ... Uns fala que é o Istone. Outros fala que é outra coisa, né? Mas é o Istone mesmo. Aparece também um fogo que pega nas pedra. Eu já vi. Vi assim, passando de uma pedra para outra.”¹⁷

Segundo relata outro garimpeiro, o minério é pagão. Ele diz:

¹⁵ - Ver: STRAUSS, Levy. Os Sentidos do Mito. Lisboa: Ed. 70, 1989.

¹⁶ - José . Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000.

¹⁷ - Baiana – Entrevista. Fevereiro de 2000.

“O minério é coisa pagão. Só tenho sorte para mexer com coisa pagão de Julho até Fevereiro. O minério é pagão quando ele quer sair debaixo do chão aquilo faz cada tentação debaixo do chão... quando não quer ficar mais debaixo do chão. Ele faz tentação a noite toda. Faz de tudo o quanto há. O Isoné é o dono da lavra. Quando tem que tirar mesmo na lavra o Isoné pega a gente. Se ele não pegá a gente a gente não tira não. Ninguém vê ele, mas ele tá lá. Ele aparece . Agora aparece mais pouco porque o minério daqui está acabando. O Isoné tem que dá a gente aquele minério se não pode tirar. Uma vez eu tava lá na Mata e ele veio pegando eu prá derrubá. E eu peguei a mão no revolve prá dá um tiro nele. E ele me meteu o dente e soltou no chão e disse: ‘Ocê tá muito atrivido! Tem treis pedra prá ocê tirá. E ocê vai tirá e vai-se embora daqui porque não vai tirá mais nenhuma não!’ Aí eu perguntei: onde está essas pedra? Nós estava cortando cá embaixo e ele disse: ‘Ocê sobe aí prá cima e pega a barreirama toda caída. Ocê pode cortá ela. A primeira etapa ocê tira, tem treis pedra aí procê. Cê tira e some daí também.’ Aí eu tirei as treis pedra.

“O minério quando quer sair, ele faz cada latomia... Aquela lavra de Duas Barra ali. No tempo que apareceu aquela lavra, e era uma estrada que tinha ali, quando dava de seis hora em diante ninguém num passava ali. Aparecia um caixão de defunto que cercava aquele povo. Gado corria atrás... A catra ficou isolada. Então, um dia, eles tirando areia lá prá mexê com reboque, eles tiraram umas pedra. Aí o povo freveu em cima. Aí saiu pedra demais ... Também, depois que saiu as pedra ocê num vê mais nada. Pode durmi lá. Não tem mais nada. Aquilo era minério que fazia. Ele faz isso até sair. Na hora que ele caba, caba tudo.”¹⁸

Está bem presente no depoimento do Sr José a ideia de que um dado relato é um mito não pela quantidade de verdade que ele contém mas pelo fato de que se acredita que ele seja verdadeiro. Ouçamos o que ele diz:

“O Isoné é uma história. História... e é verdade. Num é todo mundo que ele pega. É um tipo de um sonho. Ele chega, o garimpeiro tá durmindo e ele vem e mexe com o garimpeiro. Aí expulsa o garimpeiro pro canto. Ele dá uma surra no garimpeiro. A gente com o susto quer falá e num fala nada. Enrola a língua

¹⁸ - Sr. José Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000.

todinha. Mas sempre que ele aparece o garimpeiro tira pedra. Ele é o pai da lavra. A mãe da lavra é a pedra maior. Ela muda de uma chapada pra outra. É aquele brilho! Aquela ilusão! Aquela estrela! No lugá que ela caiu ela puxa. Às veiz as pedra num tá naquele lugar que ela caiu mas tá na redondeza do lado. E procura... e acha... “¹⁹

O mito do Isoné, do “pai da lavra” é a expressão de uma emoção coletivamente sentida, que dá sentido de unidade e referencial de identidade ao grupo e, deste com a natureza dentro da qual ele vive.

“Quando o Isoné aparece, o garimpeiro acha a pedra. Mas já aconteceu casos muito engraçados por causa do Isoné. Foi na Semana Santa. Na semana Santa garimpeiro nenhum trabalha, eles respeita demais. Foi lá no Mocarorô. Garimpeiro entrava ali no meio da mata, mas ele não corta a mata que está no redor dele não. Não corta prá proteger eles. Aconteceu que os garimpeiro tava trabalhando de dia foram fazer sioba de noite. Fazer sioba não é roubo. Não se está roubando o que o outro plantou. Aí um vai entrando e o outro fica prá avisar. Então, tava trabalhando de dois. Aí, lá no meio do mato, um foi e ouviu um barulhinho e deu o sinal. Um correu prum lado e o outro correu pro outro. Ficaram apavorados. Eles pensou que fosse o Isoné. Isso foi lá no Mocarorô.”

A linguagem que o Isoné fala é a linguagem de uma realidade que não é empírica, mas, existencial. Essa história providencia uma interpretação do presente e segue como um guia para o futuro e, nessa medida, oferece paradigmas, modelos de identidade e papéis sociais.

Também é recorrente nas falas tanto dos garimpeiros quanto na dos moradores de Padre Paraíso a idéia da “mãe da lavra”, como uma estrela que guia o garimpeiro até ao misterioso lugar onde a pedra poderá ser achada. No imaginário, ela tem a mesma função do Isoné. Nos depoimentos transcritos esse sentido está presente na fala da Baiana quando ela diz: “Aparece também um fogo que pega nas pedra. Eu já vi. Vi assim, passando de uma chapada para outra.” E, está mais clara na fala do Sr José : “A mãe da lavra é a pedra maior. Ela muda de uma chapada pra outra. É aquele brilho! Aquela ilusão! Aquela estrela! No lugá que ela caiu ela puxa.”

¹⁹ - José . Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000.

Considerações sobre atribuições de gênero e religiosidades

Com relação às atribuições de gênero, nos dois mitos gênero se mostra marcando a dualidade masculino/feminino própria daquele universo cultural. Embora ambos mostrem a riqueza desejada, ao mito do Isoné, “pai” da lavra, são incorporadas percepções que são consideradas masculinizantes que vem da cultura do grupo. Apesar de ser “um homenzinho dessa baixurinha” o que, conforme aquele universo simbólico, poderia diminuir-lhe os atributos de masculinidade, ele tem “aquele braço grosso ...”. Isso o torna poderoso. Além do mais ele chega... mexe com o garimpeiro, expulsa-o para o canto. Dá-lhes surras. É ele quem tem que autorizar a retirada do minério, dar o minério senão não pode tirar. Ele é ativo, corajoso, viril pois enfrenta até pessoas armadas, vencendo-as. E, tendo-as sob seu controle, dá-lhes ordens. Todos esses comportamentos são lá referenciados como prerrogativas masculinizantes.

Já o mito da mãe da lavra é descrito como sendo aquele brilho! Aquela ilusão! Aquela estrela! No lugar que ela cai ela puxa, ela atrai. Ouvindo o mito vemos que a ela são incorporadas percepções referenciadas como feminilizantes pela cultura local. Ou seja, o que se espera do feminino é que seja sedutor mas que fique passivo nas redondezas, esperando ser descoberto. Não se oferece, tem que ser procurado para ser encontrado.

Assim, a história que esses mitos contam tem um nexos bastante evidente com os significados e símbolos de gênero que operam na lógica daquela cultura.

É interessante a presença nesse depoimento da imagem da “mãe da lavra”, ou “estrela” que aponta o lugar onde está a pedra. Fazendo uma conexão mais abrangente desse elemento simbólico, vemos que a estrela como guia desempenha um papel privilegiado no sistema simbólico universal. Dentro de nossa tradição de pensamento, por exemplo, tanto para o Antigo Testamento quanto para o Judaísmo as estrelas obedecem à vontade de Deus e, eventualmente as anunciam,²⁰ sendo que um anjo vela sobre cada estrela.²¹ E quando o profeta Daniel descreve o que haveria de ocorrer aos homens no momento da ressurreição ele usa o símbolo da estrela para caracterizar a vida eterna dos justos: a ascensão para o estado de estrelas celestes.²²

²⁰ - Isaías, 40,26 e Salmos 19,2

²¹ - Enoch 72,3

²² - Daniel 12,3.

A religiosidade naquele universo cultural é considerada feminilizante. É uma qualidade que é mais atribuída às mulheres, às beatas. Destas é esperado atividades, tais como ir frequentemente à Igreja, participar nas rezas, arrumar os altares, a ornamentar andores, por ocasião de procissões, habitualmente realizadas nas festas dos santos padroeiros. Lá, rezar e fazer promessas são atitudes consideradas femininas.

Mas, também, o garimpeiro pode rezar e fazer promessas sem que se sinta feminilizado. Por isso ele pode acreditar nos mitos, sendo que também é respeitado quando fazem promessas, ou quando procuram benzeções ou invocam a ajuda de alguns santos. Uma das promessas que costumam fazer é a de levar a pedra, se a encontrarem, na Igreja para mostrá-la a Nossa Senhora. Tal como é relatado por outros garimpeiros,, recebendo uma oferta pela pedra que havia tirado, o garimpeiro disse: “A bem da verdade eu tenho uma pedra comigo, mas antes de vendê-la eu tenho que pagar uma promessa que fiz com Nossa Senhora (...) Preciso levar a pedra à igreja de Padre Paraíso.”

Iracema também é garimpeira e moradora em Padre Paraíso. Ela ressalta em sua fala a religiosidade do garimpeiro. Ela diz que os garimpeiros costumam rezar porque

“Nossa Senhora da Boa Morte amostra pra gente onde é que as pedra tá. E Santo Antônio também amostra. E a gente chega lá e tira as pedra. Pra Nossa Senhora da Boa Morte a gente acende uma velinha para ela mostrá e iluminá a estrada e dar sorte prá gente segui em cima de onde tá as pedra. Aí a gente apega com ela e acha mesmo. Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Santo Antônio. A Roxa também reza. Benze tanto os homem quanto as mulheres que procuram ela. Ela benze a gente na hora que a gente lá vai saindo. Aí, daquele benzimento que ela benze agente, a gente já sai com fé. Quando chego lá no serviço, depois que a Roxa rezou ni mim, já entro com mais coragem, com mais animação. A gente vai mais forte. Tendo fé em Deus, ele vale. Pois Deus do lado da gente, inda mais mandando a comadre Roxa lá rezá ... pois a comadre Roxa faz umas reza boa e fecha o corpo da gente. Ainda mais a gente que anda debaixo do chão... pode rolar uma pedra pra trás... aí num tem nada com a gente.”²³

Muitas vezes o garimpeiro faz promessas para que a boa fortuna o alcance. Uma das formas mais comuns de promessas para encontrar a boa fortuna é o compromisso de

²³ - Baiana. Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000.

participar da romaria ao Santuário de Bom Jesus da Lapa. Conforme estudos realizados por Steil, o Santuário de Bom Jesus da Lapa localiza-se no sertão da Bahia , juntamente com Juazeiro e Canindé forma o conjunto dos mais importantes santuários “sertanejos” do nordeste. Sua origem remonta-se ao final do século XVII.²⁴

Há um conjunto de mitos relativos a essa prática religiosa que é muito significativa naquela região, e que a cada ano atrai um número maior de fiéis. Em Bom Jesus da Lapa, ao lado dos cantos, das penitências, das missas, dos sermões, do ofício à Nossa Senhora, e do culto ao Bom Jesus da Lapa estão incluídos também as festas, as danças, os fogos, as comidas, a bebida e a prostituição.

O santuário é um ponto estratégico do cruzamento de rotas entre o litoral (deslocamento da população litorânea pela descoberta de jazidas de ouro) e o sertão (expansão da criação de gado pelo Vale do São Francisco) e recebe milhares de fiéis, principalmente de Minas Gerais e da Bahia. Para chegarem até lá, os romeiros, dentre os quais muitos são garimpeiros, fazem uma longa viagem. Alguns vão em carrocerias de caminhões equipadas com bancos de madeira e cobertos com lona, outros em ônibus, para saudar e cumprir promessas feitas ao Senhor do Bom Jesus.

E o garimpeiro está sempre atento ao cumprimento daquilo que prometeu pois a promessa não cumprida ocasiona punições. Conta-se que um garimpeiro prometeu a Nossa Senhora de Aparecida que se ele encontrasse uma pedra a metade do valor da mesma seria oferecida a ela. Depois de certo tempo, o garimpeiro fazendo uma cata, ou seja, garimpando no brejo, encontrou uma linda e valiosa água marinha. Entusiasmado com o achado ele fez mil planos de como iria gastar o dinheiro que receberia pela venda daquela valiosa gema. Lembrando-se da promessa ficou assustado e disse: “Nossa Senhora Aparecida, acho que a senhora não precisa dessa metade.” Decidido a não entregar a ela o prometido preparou-se para sair de dentro do brejo mas ao colocar a pedra no bolso, a mesma escorregou e caiu novamente na água. O garimpeiro recebeu a sua punição, nunca mais conseguindo encontrá-la.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel Vale (org.). Corpo Presente. Lisboa: Celta Editora/Oeiras, 1996.

²⁴ - STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bahia. Petrópolis: Vozes/CID, 1996.

- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 2000
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das trocas Lingüísticas. S. Paulo: Edusp, 1966
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- BUARQUE de HOLANDA, Aurélio. Dicionário Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Nova fronteira, 1995.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro. José Olímpio. 1989.
- CONNELL, R. W. *Hegemonic masculinity and emphasized femininity*. In Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics. California: Stanford University Press, 1992.
- GUIMARÃES Rosa. Grande Sertão Veredas. p. 86
- HEILBORN, M, L. Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. A Solidão de uma Aventura. História da História do Garimpeiro. (Análise da Representação e da Identidade do Garimpeiro, no Brasil, no Século XX). Tese Defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. 1966.
- LEVI STRAUSS. Os Sentidos do Mito. Lisboa: Ed. 70, 1989
- LEWIS, O. The children of Sanchez: Autobiography of a Mexican Family. New York: Randon House. 1961
- MARTINS, Ana Luíza. *Breve história dos Garimpos no Brasil*. IN ROCHA, Gerônimo (org.). Em Busca do Ouro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984
- MATTOS, S Missagia. Artefatos de Gênero na Arte do Barro. Vitória ES: EDUFES, 2001
- MELO e SOUZA, Laura. Os Desclassificados do Ouro: A Pobreza Mineira do Século XVIII. R. Janeiro: Graal. 1982.
- ORTENER, Sherry B. and WHITEHEAD, Harriet. Sexual Meanings. The Cultural Construction of Gender and Sexuality. *Introduction* Cambridge University Press. 1992.
- ROSA, João Guimarães. Estas Estórias. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1969.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*, 19a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo Antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bahia. Petrópolis: Vozes/CID, 1996.

VIERIA COUTO. “Memórias sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais” (1881). IN MELO e SOUZA, Laura. Os Desclassificados do Ouro: A Pobreza Mineira do Século XVIII. R. de Janeiro. Graal. 1982. p. 202.

ENTREVISTAS

Adilson. Entrevista. Padre Paraíso – Novembro de 2000.

Baiana – Entrevista. Fevereiro de 2000.

Iracema. Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000

José . Entrevista. Padre Paraíso Fevereiro de 2000.

José Maria. Entrevista. Padre Paraíso. Fevereiro de 2000.

Manoel. Novembro de 1998.